

Currículo narrativo, aprendizagem tribal e cruzamento de fronteiras: possibilidades a partir de histórias de vida de estudantes veganas da licenciatura em Ciências Biológicas

Narrative curriculum, tribal learning and border crossing: possibilities from life stories of vegan students on the biological science degree

Maira Martins Trentin
Universidade Estadual de Campinas - UNICAMP
maira_trentin@hotmail.com

Prof^a Dr^a Maria Inês Petrucci-Rosa
Universidade Estadual de Campinas - UNICAMP
inesrosa@unicamp.br

Resumo

O presente trabalho é o registro da pesquisa que teve como objetivo investigar as interações entre animais humanos e animais não-humanos no curso de Licenciatura em Ciências Biológicas através das histórias de vida de estudantes veganas. O referencial teórico constitui-se amparando teoricamente as relações com não-humanos no entremeio dos currículos e histórias de vida, com uma revisão bibliográfica a partir do eixo temático de formação de professores e estudos animais. Como instrumento metodológico é feita a escuta de narrativas advindas de entrevistas com cinco participantes narradoras e os dados são analisados com as contribuições das teorias de currículo de Ivor Goodson. São descritas algumas das principais tensões, ambivalências e contradições identificadas nas experiências das estudantes veganas, tornando-se possível aprender possibilidades, caminhos e alternativas na constituição curricular dos cursos de Licenciatura em Ciências Biológicas.

Palavras chave: Aprendizagem narrativa, currículo, veganismo, formação de professores, ensino de ciências.

Abstract

The present research aims to investigate the interactions between human animals and non-human animals in the Biological Sciences Degree course through the life stories of vegan students. The theoretical framework is constituted by theoretically supporting the relationships with non-humans in the midst of curricula and life stories, and a bibliographic survey is presented with the analysis of 80 works from the thematic axis of teacher training and animal studies. As a methodological instrument, the listening of narratives arising from

interviews with each of the five narrating participants is carried out, and data are analyzed from the contributions of Ivor Goodson's curriculum theories. Some of the main tensions, ambivalences and contradictions identified in the experiences of vegan students are described and it becomes possible to learn possibilities, paths and alternatives in the curricular constitution of the Degree in Biological Sciences courses.

Key words: Narrative learning, curricula, veganism, teacher training, science teaching.

Introdução

As interações entre animais humanos e animais não-humanos podem ocorrer de formas múltiplas e variadas, desde a ocupação dos seres vivos em um mesmo ambiente, até atividades que envolvem a imposição de dor, sofrimento e morte a membros de algumas espécies, tais como produção para consumo alimentar; espetáculos como rodeios, touradas e corridas; na moda; na produção de medicamentos e cosméticos (TRINDADE, 2014) e outras atividades que estruturam os hábitos de consumo e sociais dos animais humanos.

Apesar dos discursos de preservação e de sustentabilidade que frequentemente trazem narrativas sobre respeito a todas as formas de vida e cuidado com diversas dimensões da realidade - ecológica, social, econômica, política e outras - a depredação dos habitats de origem e a forma de tratamento dos animais não-humanos são “completamente opostas à ideia de que os animais não-humanos sofrem e têm relevância ética” (TRINDADE, 2014, p. 27).

O campo teórico, denominado no inglês *Animal Critical Studies (ACS)*, realiza estudos e investigações sobre as relações entre animais humanos e não-humanos a partir de uma perspectiva da opressão causada dos primeiros para os segundos (CASTELLANO; SORRENTINO, 2015). No campo da prática, uma possível resposta a essas questões é o veganismo, termo cunhado pela primeira vez em 1944 pela The Vegan Society e, atualmente, descrito no site da organização como:

uma filosofia e estilo de vida que busca excluir, na medida do possível e praticável, todas as formas de exploração e crueldade contra animais na alimentação, vestuário e qualquer outra finalidade e, por extensão, que promova o desenvolvimento e uso de alternativas livres de origem animal para benefício de humanos, animais e meio ambiente (THE VEGAN SOCIETY, 2022, *tradução própria*)

Em busca de excluir as formas de exploração e crueldade contra os animais, quem adere ao movimento vegano não se restringe a mudanças alimentares, ou a fazer escolhas somente em prol da própria saúde ou do meio ambiente. De acordo com Fernandes (2019):

o papel dos ativistas veganos consiste não apenas em excluir produtos animais de sua alimentação, como é o caso dos vegetarianos, mas lutar pela causa ao boicotar produtos de empresas que fazem testes em animais; não utilizar vestuário ou produtos que possuam ingredientes provenientes da exploração animal; não comparecer a eventos e locais que utilizam animais para autopromoção e, enfim, protestar e lutar para que todos os animais tenham direito a uma vida digna e autônoma (FERNANDES, 2019, p. 35)

Dentro desta perspectiva complexa e política de tomada de decisões temos, no contexto da formação de professores, um terreno fértil de discussões sobre quais experiências permeiam a vida dos sujeitos. O que um professor viveu e experienciou no mundo irá perpassar o conteúdo e as discussões fomentadas em aula e no ambiente escolar. Imersos na cultura do carnismo¹, as implicações do uso dos animais, quer seja para alimentação, vestuário e outras esferas do consumo, geralmente são encobertas como um sistema de crenças invisibilizado (JOY, 2014).

O curso de Licenciatura em Ciências Biológicas objetiva a formação de professores para a área de ensino de Biologia - que estuda a vida - de modo que grande parte do conteúdo curricular prescrito perpassa a dimensão da interação entre animais humanos e animais não-humanos, além de implicar seu manuseio em situações de aulas de laboratórios, campo, testes e outros procedimentos realizados. A presente investigação propôs-se, portanto, a conhecer as histórias de vida de estudantes do referido curso que se declaram veganos, e responder: como suas experiências de formação e conteúdos curriculares transcorrem com suas formas particulares de interação com os animais não-humanos?

Este é um trabalho de natureza empírica, consistindo da apresentação de pesquisa finalizada, realizada para obtenção de título de mestre em Ensino de Ciências pelo PECIM (Programa Multiunidades em Ensino de Ciências e Matemática) da Unicamp. Os participantes são reconhecidos como narradores de suas próprias histórias e, com isso, ajudam a identificar o que Goodson e Petrucci-Rosa chamam de aprendizagem tribal, que é o “modo como se conhece o mundo antes de encontrar as forças de socialização representadas, de certo modo, pela escola e pela cultura em geral” (GOODSON; PETRUCCI-ROSA, 2020, p. 13). Considerando as experiências de vida dos estudantes para a constituição de um currículo mais transformador e mobilizador, que pensa no futuro social, busca-se nas narrativas sugestões, possíveis caminhos e alternativas para a constituição de um currículo tal como indica Goodson, “em um mundo de mudanças precisamos mudar de um currículo prescritivo para um currículo como identidade narrativa; de uma aprendizagem cognitiva prescrita para uma aprendizagem narrativa de gerenciamento da vida” (GOODSON, 2007, p. 242).

O contato com as narrativas faz emergir incontáveis reflexões, curiosidades, questionamentos, e, em última instância, nos dão pistas de como é o cruzamento de fronteiras das pessoas veganas que estão no referido curso. O currículo conversa com essa tribo? Quais tensões estão presentes no cotidiano destas pessoas? Como elas lidam ou encaram estas tensões? Existiriam formas mais acolhedoras e mobilizadoras de se constituir essa formação, considerando as plurais histórias de vida? Essas e outras questões abrem caminho para que se pense o currículo narrativo, a aprendizagem tribal e o cruzamento de fronteiras nas histórias de vida de pessoas veganas estudantes de licenciatura em Ciências Biológicas.

Revisão de literatura

Para início da investigação foi realizada uma revisão de literatura no Portal de Periódicos da Capes, na Base Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD) e nos anais das edições do Encontro Nacional de Pesquisa em Educação em Ciências (ENPEC), em busca de esquadrihar o lugar conferido aos animais não-humanos nas produções da área de Educação

¹ Melanie Joy (2014) define que *carnismo* é o sistema de crenças que nos condiciona a consumir certos animais. Segundo a autora o termo *carnívoro* não é adequado para ser utilizado neste campo de estudo pois descreve uma condição fisiológica, não filosófica como é o caso do *veganismo*.

e Ensino de Ciências. O levantamento foi feito no período de janeiro e fevereiro de 2021 e foram encontrados 80 trabalhos a partir da procura das palavras chave “educação”, “vegan” (por ser radical para outros termos importantes, como *vegano*, *vegana*, *veganismo*) e “anima” (identificando *animal* e *animais*). Observa-se a seguir as categorias que agrupam os trabalhos encontrados na revisão:

Quadro 1 - Quadros temáticos gerais dos trabalhos encontrados

Categorias	ENPECs	BDTD	PORTAL CAPES	Total
Zoológicos	4	0	0	4
Animais para fins didáticos	2	3	0	5
Alimentação e meio ambiente; hábitos alimentares e nutrição	21	2	0	23
Hábitos de Consumo e Comportamento Humano	3	1	0	4
Percepção Ambiental	11	1	0	12
Proteção e Conservação Animal	3	0	0	3
Problemas Ambientais e Tópicos de Educação Ambiental	23	1	0	24
Veganismo	1	2	2	5
Total	68	10	2	80

Fonte: produzido pela autora

Nos anais dos ENPECs é possível afirmar que os animais estão presentes nas pesquisas em Educação em Ciências, mas na maior parte das vezes, desacompanhados das discussões quanto ao seu uso instrumentalizado e vulnerável diante do modo de produção, consumo e relação com o meio ambiente fomentado pelos seres humanos. Temáticas que são bastante comuns nas discussões sobre os direitos animais não apareceram nos materiais, tais como: produção de animais para consumo humano ou rações, tráfico e abandono de animais, manutenção de animais em casas domiciliares, questões ligadas a zoonoses e outras.

Os trabalhos analisados provenientes da BDTD apresentaram caráter bastante diferente dos encontrados nos ENPECs. Resultados de pesquisas a nível de mestrado e doutorado, apresentaram recortes mais específicos e análises aprofundadas, permitindo adensamento das temáticas. Com exceção dos 2 trabalhos da categoria *Alimentação e Meio Ambiente, Hábitos Alimentares e Nutrição*, todos os trabalhos analisados trouxeram posições críticas ao uso de animais para o benefício humano, com análises dos mais diversos aspectos acerca dos direitos dos animais.

Apesar das concepções bastantes distintas quanto à antropomorfização, Vizachri (2014) e Lima (2016) trouxeram lentes consistentes sobre a percepção social construída com relação aos animais não-humanos pelos humanos e o comportamento que decorre disso. Melgaço (2010), Danielski (2010) e Zuanon (2014) apresentaram discussões referentes a modos alternativos à realização de atividades didático científicas com animais e Reis (2013) desenvolveu uma contextualização crítica à não consideração das questões animais no contexto da Educação Ambiental.

Com caráter mais enraizado no campo da educação e do ensino, Melgaço (2015) desenvolve profundamente o tema da ética animal no ensino de Ciências e Biologia através do estudo de livros didáticos e Fernandes (2019) evidencia não somente a possibilidade, mas a necessidade de diálogo entre veganismo e escola.

Dentre os trabalhos, identificou-se a prevalência das temáticas relacionadas à alimentação e nutrição e tópicos de Educação Ambiental. Em ambas e na maior parte dos outros quadros temáticos a relação entre animais humanos e animais não-humanos foi identificada, a partir da análise realizada, como instrumentalizada e utilitária, correspondendo a um paradigma antropocêntrico. Poucos trabalhos desenvolvem uma reflexão e debates aprofundados acerca de temas da ética animal. Quanto à formação de professores, especialmente em Ciências Biológicas, o referencial é bastante escasso. As relações entre humanos e não humanos têm correspondido a um padrão culturalmente construído e são poucos os trabalhos que identificam, refletem, anunciam, denunciam ou mobilizam conhecimentos relacionados a isso.

Veganismo e sociedade

Segundo Brügger (2009), “o veganismo é uma proposta de conduta ética que prega a libertação dos animais não-humanos por meio da abolição de todas as formas de exploração que lhes são impostas por nós” (BRÜGGER, 2009, p. 109). Veganismo, portanto, não se trata de uma dieta alimentar, mas uma filosofia que implica em um estilo de vida. A forma com que as pessoas se vestem, cortam e arrumam os cabelos, a pele, as unhas, os padrões de beleza e estética, o porte e padrão de suas casas, o modo com que se locomovem, o que comem, o cultivo ou não do seu próprio alimento, como o preparam, sua relação com os resíduos, manter animais em casas, consumir um ou outro tipo de entretenimento e etc, são constituidores dos processos de produção e consumo e podem se circunscrever na busca pela libertação animal.

Segundo o levantamento mais recente do IBOPE, estamos diante de uma geração que não nasce, mas torna-se vegana, sobretudo na idade jovem (IBOPE, 2018). É comum que a dependência da família, quer seja material ou afetiva, seja empecilho para solidificação do rompimento com as práticas sociais normatizadas. O convívio com familiares, amigos e companheiro/as que não tenham optado pelo veganismo preenche as experiências cotidianas das pessoas veganas não somente com os conflitos verbalizados, mas também, e principalmente, com incontáveis momentos de tensões silenciosas.

Apesar de um atual cenário em transformação em que o veganismo passa por uma maior divulgação e crescimento², há ainda significativos entraves e barreiras que dificultam seu pleno encabeçamento, encontrando fronteiras custosas de transpassar. O movimento tem como uma de suas bases a mudança estrutural da sociedade e das relações nela estabelecidas, considerando neste contexto não somente as pessoas humanas, mas também os outros elementos que compõem este cenário.

² De acordo com o IBOPE Inteligência de 2018, 16% (30 milhões) das pessoas nas regiões metropolitanas de São Paulo, Curitiba, Recife e Rio de Janeiro se declararam vegetarianas, em 2012 esse número era 6%. A mesma pesquisa identificou que 55% declara que consumiria mais produtos veganos se estivessem melhor indicados na embalagem, e 60% se tivessem o mesmo preço que os produtos que estão acostumados a consumir. Nota-se ainda que o Datafolha de 2017 já havia mostrado que 63% dos brasileiros quer reduzir o consumo de carne (SVB, 2018).

Melanie Joy (2014) afirma que vivemos imersos em uma cultura que geralmente encobre as implicações do consumo de animais, quer seja para alimentação, vestuário e outras esferas (JOY, 2014). A autora aponta a necessidade de nomear esse sistema, uma vez que sua principal forma de defesa é a invisibilização. “Evitar e negar é a base sobre a qual repousam todos os outros mecanismos” (JOY, 2014, p. 24). Em resposta a isso, cunhou o termo *carnismo*, o sistema de crenças que justifica o uso de animais para benefício humano. Um dos argumentos recorrentes em busca de justificar este sistema é a afirmação de que usar os animais é necessário para o desenvolvimento da vida humana. Contudo, a grande maioria dos usos animais, afirma Francione, “não pode ser descrita como necessária em nenhum sentido da palavra; ao contrário, esses usos meramente aumentam a satisfação do desejo de prazer, divertimento e conveniência aos humanos” (FRANCIONE, 2013, p. 59).

Além dos aspectos éticos relacionados descritos acima, somam-se os impactos ambientais produzidos mais amplamente, como afirma Fernandes (2019):

A questão animal está intimamente relacionada ao meio ambiente de várias formas. Estas se manifestam na poluição de efluentes advinda dos rejeitos dos tratamentos químicos em curtumes, no desmatamento em virtude da pecuária para a criação de gado, na quantidade de água utilizada na produção de insumos animais, nos efeitos relacionados também à biodiversidade pela extensa produção de soja - na qual parte significativa é utilizada para a alimentação de ruminantes - e na emissão de gás metano por bovinos e seus impactos ambientais (FERNANDES, 2019, p. 157)

Em resumo, para sustentar o sistema atual de produção e consumo, a maior parte dos seus processos e consequências é invisibilizada. Segundo Marques,

o consumo de carnes e demais produtos de origem animal: gera sofrimento e crueldade aos animais que têm suas capacidades de sentiências totalmente ignoradas; impacta na saúde humana, podendo ocasionar uma série de doenças; contribui para o desmatamento, a contaminação do solo e do ar; viabiliza um enorme gasto de água; promove mudanças climáticas; perda da biodiversidade; não contribui com a eficiência alimentar da população mundial; possibilita péssimas condições empregatícias e até mesmo o trabalho escravo; ocasiona genocídio e etnocídio (MARQUES, 2020, p. 49)

Faz-se necessário, portanto, a busca por um olhar atento, criterioso e intencional para identificar as diversas áreas em que os animais são usados e o que este consumo gera nos aspectos individuais e coletivos.

Veganismo e o currículo de Licenciatura em Ciências Biológicas

Em meio ao contexto descrito na seção anterior, há pessoas que decidem enxergar esse bruto sistema de crenças e responder a ele alinhando de forma coerente o que se pensa e como se age para com os animais. Nesta investigação o contato com pessoas veganas objetiva a possibilidade de compreensão mais aprofundada com relação a quais decisões, crenças e paradigmas elas assumem em suas vidas, e como essas decisões interagem com o curso em questão.

Para Goodson, além de denunciar os problemas, cabe à escola considerar as narrativas de vida dos e das estudantes e propor também caminhos, alternativas e possibilidades, estando em constantes mudanças (GOODSON, 2008). Desta forma, a aprendizagem liga-se à história de vida, uma vez que as instituições que provêem oportunidades formais de aprendizagem

também carregam histórias (GOODSON, 2013). Essa abordagem demonstra uma profunda e fértil concepção para as histórias de vida, que podem ser observadas a seguir:

nossa história de vida é muito mais do que apenas uma história - pode conter uma série de pistas cruciais sobre como agimos e vivemos. Pode nos ajudar a entender as diferenças em estilos pessoais, crenças religiosas, afiliações políticas, lealdades à comunidade e arranjos domésticos. As histórias de vida, então, são um ingrediente crucial no que nos torna humanos e, por sua vez, que tipo de humanos elas nos tornam (GOODSON, 2013, p. 63, *tradução própria*³)

Sob as lentes de Goodson, as narrativas têm grande importância como prática formativa e emancipatória. Neste contexto, práticas curriculares transgressoras são aqui invocadas a partir das narrativas de estudantes de licenciatura em Ciências Biológicas. Diante do caráter potente da narrativa, a formação de professores pode ser observada, analisada e interpretada de novas maneiras. A partir desta dilatada concepção, o currículo torna-se passível de receber significados e possibilidades outras para sua constituição, como indicado a seguir:

Currículo não é aquilo que se programa, que se prevê e se controla nas atividades de formação que ocorrem tanto no âmbito da universidade, como nos cenários dos campos de estágio, [...] abandona a restrita noção de currículo prescritivo, dirigindo-se para outra: a aprendizagem narrativa (PETRUCCI-ROSA e RAMOS, 2008, p. 569).

Diante do exposto, compreende-se que o que está prescrito no currículo não contempla uma formação que valorize individualidades e experiências. As aprendizagens provenientes de fora dos currículos prescritos são chamadas por Goodson e Petrucci-Rosa de *aprendizagem tribal*, que seria o “modo como se conhece o mundo antes de encontrar as forças de socialização representadas, de certo modo, pela escola e pela cultura em geral” (GOODSON; PETRUCCI-ROSA, 2020, p. 101), ou em outras palavras, os valores de vida trazidos de fora da escola.

Dentre limites geográficos e ontológicos, Goodson evidencia que os cruzamentos de fronteiras físicas, do conhecimento, culturais e sociais é um dever que os professores têm de pensar, a fim de apontar para práticas formativas e pedagógicas que constituam uma educação descolonizadora. Os desafios presentes nestes cruzamentos frequentemente impedem que a própria travessia seja realizada. Sendo assim, mais uma vez, o retorno às histórias de vida possibilitam a escuta dessas trajetórias interpeladas, alvejando que não exista um estágio de permanência ou escolha sobre de qual lado da linha os estudantes têm que estar, mas um constante intercambiar de fronteiras.

Isso posto, as lentes narrativas serão trazidas ao currículo em busca de constituir uma abordagem teórico metodológica⁴ que busca conselhos, sugestões e novos caminhos para pensar a formação de professores. Busca-se aprender com as narrativas e, com elas, sugerir

³ our life story is a lot more than just a story – it might hold a series of crucial clues as to how we act and live. It might help us to understand differences in personal styles, religious beliefs, political affiliations, community allegiances and domestic arrangements. Life stories, then, are a crucial ingredient in what makes us human and, in turn, what kind of human they make us.

⁴ A fundamentação teórica-metodológica subscorre-se aos estudos realizados junto ao Grupo de Estudos de Práticas Curriculares e Narrativas Docentes (GePraNa), coordenado pela Prof^a Dr^a Maria Inês Petrucci-Rosa desde 2003, sendo um subgrupo do Grupo de Pesquisa em Ciência e Ensino (GePCE) da Faculdade de Educação da UNICAMP. As informações e produções do grupo podem ser acessadas em seu website: <https://www.geprana.com/>

aos cursos de Licenciatura em Ciências Biológicas maneiras mais mobilizadoras de constituir o currículo.

Caminhos metodológicos

As histórias de vida são consideradas, então, como uma fonte empírica que transgride a aceleração da vida contemporânea, marcada pelo esvaziamento de sentido individual e pessoal, em uma era da reprodutibilidade técnica e de informações rápidas e saturadas, permitidas pelos atuais meios de comunicação. As narrativas assumem caráter importante não somente como ferramental da investigação, mas do próprio processo de aprendizagem das estudantes, o que as configuram não somente como anteparo metodológico, mas principalmente auxiliador pela busca de construção de sentidos junto aos narradores.

Participaram da investigação 5 estudantes, em entrevista a partir de uma única pergunta: “conte sua história de vida enquanto uma pessoa vegana, estudante de licenciatura em Ciências Biológicas”. Fui conduzida a visitar o Instituto de Biologia (IB) a partir das experiências narradas de cada uma das participantes, experimentando diversos sentimentos e reações junto às suas histórias de tensões, contradições, conflitos e ambivalências que vivenciam cotidianamente no instituto ao qual pertencem. Nota-se que todas que aderiram foram mulheres, motivo pelo qual assumo o artigo feminino no título da pesquisa e sempre que me referir ao grupo.

O que as histórias de vida nos ensinam

Considerar as narrativas é considerar as experiências. À medida que as narradoras contam suas histórias de vida, oferecem-nos pistas de como o currículo conversa, colide, discorda, choca, difere, destoa, acompanha, adere (...) suas experiências particulares de mundo. Experiências estas, que não apenas se restringem em seu ciclo privado, mas reverberam em experiências partilhadas social e culturalmente com outras pessoas que aderem ao veganismo e cruzam a fronteira rumo aos estudos de Licenciatura em Ciências Biológicas.

Goodson (2019) indica a necessidade de entender o pessoal e o biográfico para compreender o social e o político. Para compreender essa dimensão mais ampla dos conselhos que as narrativas trazem, e as pistas de como o currículo conversa com as vidas que por ele caminham, identifiquei que as histórias contadas pelas narradoras falam de si mesmas de maneira singular, mas também dão pistas de quais histórias são compartilhadas pelos integrantes desta “tribo”, e quais histórias são contadas pela sociedade em que estão inseridas. Quando as histórias de vida das estudantes são ouvidas, abre-se a possibilidade de dar sentido às experiências e construção de significado e propósito para as vidas, não somente no âmbito privado, mas também e, principalmente, no contexto do interior da comunidade de aprendizagem a qual estão inseridas.

As histórias carregadas pelas culturas e tradições, permeando os corredores físicos e simbólicos da instituição, carregam valores e regras compartilhadas que moldam o que é possível e o que não é possível (GOODSON, 2019). A escuta e o adensamento das histórias de vida das narradoras permitem (e requerem) profunda análise, revelação e revisão destas grandes histórias, em busca das experiências que têm sido transpassadas e silenciadas.

Ao narrar suas experiências como estudantes veganas de Licenciatura em Ciências Biológicas, as narradoras iniciam contextualizando suas experiências enquanto veganas. Estes dilemas corriqueiros ilustram a dimensão que esta decisão tem em suas vidas. Decidir romper com as práticas de exploração animal corresponde aos seus princípios de vida, mas não por isso é uma decisão sem ônus. A decisão pelo veganismo custa hábitos, inserções sociais, prazeres, (...) e inundam estas vidas com diversos momentos de tensões silenciosas.

O que elas encontram, entre o currículo prescrito e as concepções circundantes nos corredores físicos e simbólicos da instituição, é um tipo de relacionamento com os animais bastante diferente do que elas entendem como correto. Ao mesmo tempo, quatro das cinco narradoras tornaram-se veganas após ingressarem no curso, e todas contam como as experiências vivenciadas foram essenciais para este processo de entendimento e transição. *“No curso foi onde eu tive mais contato com o veganismo, nem sei o que seria de mim se eu não tivesse entrado na Biologia”*, diz Laura; *“Comecei a ter esse olhar mais atento ao veganismo quando comecei a ter matérias de ecologia. Eu tinha vários colegas vegetarianos dentro da classe e sempre me questionava: 'tem alguma coisa errada, acho que eu poderia parar de comer carne, estou tendo acesso a todo esse conhecimento’”*, Teresa; *“A Biologia conversa com meu veganismo, ou meu veganismo conversa com a Biologia, está tudo muito conectado”*, Naomi; e Irene, que narra o momento icônico em que estava no Restaurante Universitário e, ao ver um músculo de animal não-humano, lembrou da aula de anatomia humana, onde tinha aprendido sobre um músculo das costas, muito similar àquele servido em seu prato.

Ao narrar os acontecimentos nestes espaços, ilustram qual é a grande narrativa contada sobre os não-humanos no curso. Os animais são encarados como objetos para um fim último: a ciência. Quando há a necessidade de lidar com os animais mortos nas atividades, é presente o desconforto na decisão de participar ou não da proposta. Narram sobre os momentos de recusa com reações negativas dos professores responsáveis pela disciplina, pela coordenação e até colegas. Foram poucos os episódios narrados de avanço para encontrar métodos alternativos, se comparado à quantidade de situações de conflito sobre as práticas com animais e que não terminaram com reconsideração por parte dos professores ou coordenação.

Estas tensões silenciosas não passam despercebidas pelas estudantes, mas as atravessam cotidianamente em suas experiências com o curso, como narra Laura: *“ao longo da graduação vamos entendendo como funciona”*. Apesar da posição desvantajosa frente ao poder da narrativa contada pela instituição, as estudantes procuram subterfúgios para não aderir às situações de exploração. Buscam táticas para burlar a participação nas situações de práticas que utilizam os animais. Como Adriana, por exemplo, que adaptou seu processo de estudo para as disciplinas de Zoologia, estudando com livros e vídeos as estruturas dos animais. Teresa, que utilizou sua alergia à xilocaína como aliada para que não precisasse sacrificar sapos no laboratório, e que passou o semestre coletando insetos mortos para não precisar matar nenhum animal para a montagem de sua caixa entomológica.

Além disso, estratégias genéricas e corriqueiras, como fazer trabalhos em grupo e se responsabilizar por partes dos trabalhos que não requerem implicação direta de sofrimento aos animais; utilização da porcentagem de faltas que se pode ter nas aulas que haverá procedimento com animais; direcionar as temáticas dos trabalhos e das pesquisas para áreas em que não seja necessário explorá-los; cursar disciplinas eletivas que estejam de acordo com seus princípios e, em última instância, assumir a falta de nota em alguma atividade em que não houver possibilidade de ser feita de outra forma.

São diversas as situações narradas em que as estudantes teriam preferido não participar das atividades. A relação entre morte e vida fica pulsante nesses momentos em que têm que lidar com os animais em atividades práticas. Pela presença destas estudantes, ainda que em situações de conflitos, algumas novas premissas, visões e vieses passam a circundar os corredores da instituição, como no episódio narrado por Adriana, em que o professor foi agradecer-lá por seus posicionamentos, pois tinham feito com que ele revisse suas próprias posturas e práticas. Adriana e as demais participantes narradoras estão constantemente neste modo de exposição, gerando incontáveis momentos com acontecimentos que as tocam, chegam, afetam, ameaçam, ocorrem (...), que se transformam em experiências, como se pode notar, altamente significativas.

A instituição, portanto, acaba assumindo um papel ambíguo: ao mesmo tempo que lança as estudantes veganas ao abismo causando desconforto, constrangimentos, desgastes e dores; envolve-as em oportunidades de construção do conhecimento, diálogo, conquistas e amores. Para além destes espaços e situações gerados oficialmente pelo curso, existem muitas experiências narradas que não estão vinculadas aos espaços formais, institucionais, e que trazem muitas questões à tona, o que é chamado por Goodson de aprendizagens tribais. Uma dimensão que perpassa todas as narrativas, é o fato de que, apesar dos conflitos já demonstrados, o ambiente universitário é muito mais acolhedor e empático às suas políticas de vida do que o meio externo no geral.

Em resposta às suas escolhas pelo veganismo, as estudantes passam por momentos de violência velada, e muitas vezes, desvelada, como no episódio em que Adriana escuta da coordenação que *“se não gosta de animais, seu lugar não é aqui”*. As lentes de Goodson ajudam a interpretar o que é narrado pelas participantes. Elas chegam ao curso repletas de aprendizagens de outros lugares, com aprendizagens de vida que trazem de fora da escola. O que Goodson chama de aprendizagem tribal preenche a experiência de vida delas de sentidos éticos, políticos, sociais, econômicos (...) e formam suas identidades e subjetividades. No entanto, todas essas histórias que elas têm para contar não têm espaço no currículo prescrito. No mínimo, o currículo não tem espaço para suas histórias de vida. No máximo, e mais comum, há formas simbólicas que dizem que suas histórias de vida não são bem vindas.

Quando as situações em sala de aula aparecem, são constantemente narrativas de conflito, tensão, embate (...) com o currículo prescrito, o que leva a pensar no cruzamento de fronteiras. Muitas destas fronteiras são visíveis: delimitam a forma de se referir aos não-humanos, a forma e o conteúdo do que é ensinado, as atividades práticas que requerem visita a locais onde os não-humanos estão em condição de sofrimento e etc. Outras fronteiras, como destacam Goodson e Petrucci-Rosa (2020), são invisíveis. Estão presentes no interior de cada um, de quem escolhe e de quem não escolhe o veganismo, definindo disposições, percepções e valores para as relações estabelecidas com os não-humanos.

Considerações finais

As experiências narradas são carregadas de sentidos, tensões e conflitos, o que beneficia em grande medida a constituição de um currículo narrativo. As histórias conflitantes configuram uma característica primordial do diálogo público. Assim, o olhar de baixo para cima, partindo das narrativas para as forças sociais e de poder, permitem um deslocamento do aprendiz de seu mundo particular, repleto de sentido e significado, para o mundo de forma mais ampla e repleto de significado social.

Para Goodson (2019), a tríade que caracteriza o currículo narrativo é a “interação dinâmica entre história de vida; histórias desveladas na construção e uso do conhecimento; e histórias da cultura e tradição” (p. 113). No caso do veganismo, a própria tradição é confrontada, desafiada pelas narradoras. Elas estão, portanto, no embate tanto com o currículo prescrito quanto com a tradição. Ao contarem suas histórias de vida e experiências enquanto veganas, materializam o desafio que se apresenta, a saber: o desenvolvimento de experiências educacionais e intelectuais que permitam o exercício de políticas de vida mais compassivas, generosas e bondosas para com os animais não-humanos do que o atual paradigma vigente.

Referências

BENJAMIN, W. **Obras escolhidas I – Magia e técnica, arte e política. Ensaio sobre literatura e história da cultura.** 6ª ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 2012.

BRÜGGER, Paula C.. Nós e os outros animais: especismo, veganismo e educação ambiental. **Linhas Críticas**, vol. 15, núm. 29, julho-diciembre, 2009, pp. 197-214 Universidade de Brasília, Brasil.

CASTELLANO, M; SORRENTINO, M. A inserção de estudos críticos animais em instituições de educação superior. **Atos de Pesquisa em Educação**, v. 10, n. 2, p. 654-680, 2015.

DANIELSKI, Julio Cezar Reis. **Ciência em animais de laboratório: um paradigma atual na educação e pesquisa acadêmica.** 2010. 83f. Dissertação (Mestrado em Educação em Ciências: Química da Vida e Saúde) - Universidade Federal do Rio Grande, Rio Grande, 2010.

FERNANDES, K. G. **Diálogos a partir do veganismo: a questão animal e sua abordagem em documentos oficiais para a educação infantil.** 2019. 266f. Dissertação (Mestrado em Educação, Faculdade de Educação, UFJF, Juiz de Fora.

FRANCIONE, G. L., 1954. **Introdução aos direitos animais: seu filho ou o cachorro?** Tradutora: Regina Rheda.-Campinas, SP:Editora da UNICAMP, 2013.

GOODSON, I. F.; PETRUCCI-ROSA, M. I. The journey of school knowledge in High School and the concept of refraction1. **Pro-posições**, v. 29, p. 296-320, 2018.

_____. Curriculum as narrative: crossing borders for a decolonized education. **Transcontinental Human Trajectories**, v. 8, p. 1-15, 2020.

_____. 'Oi Iv, como vai? Boa sorte na escola!' notas (auto)biográficas constitutivas da história de vida de um educador. **REVISTA BRASILEIRA DE PESQUISA (AUTO)BIOGRÁFICA**, v. 05, p. 91-104, 2020.

IBOPE. Pesquisa do IBOPE aponta crescimento histórico no número de vegetarianos no Brasil. Disponível em: <https://www.svb.org.br/2469-pesquisa-do-ibope-aponta-crescimento-historico-no-numero-de-vegetarianos-no-brasil> Acesso em: 1 jun. 2021

JOY, M. **Por que amamos cachorros, comemos porcos e vestimos vacas.** Editora Cultrix, 2015.

LIMA, Maria Helena Costa Carvalho de Araújo. **Animais de estimação e civilidade : a sensibilidade de empatia interespecie nas relações com cães e gatos /** Maria Helena Costa Carvalho de Araújo Lima. – 2016.

MARQUES, Núria Araújo. **Vegetarianismo e veganismo na educação : investigação de experiências no contexto escolar brasileiro.** 2020. 1 recurso online (147 p.) Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação, Campinas, SP. Disponível em: <http://www.repositorio.unicamp.br/handle/REPOSIP/361176>. Acesso em: 17 ago. 2021.

MELGAÇO, Izabel Christina Pitta Pinheiro de Souza. **Formação Ética e Experimentação Animal: As Concepções de Discentes e Professores sobre o Uso de Animais em Práticas Didático-Científicas.** 2010. 110 f. Dissertação (Mestrado em Ensino em Biociências e Saúde) - Fundação Oswaldo Cruz, Instituto Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro, 2010.

PETRUCCI-ROSA, M. I.; RAMOS, T. A. Memórias e odores: experiências curriculares na formação docente. **Revista Brasileira de Educação**, v. 13, p. 565-575, 2008. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1413-24782008000300012&script=sci_abstract&tlng=pt. Acesso em: 23 jan. 2021.

REIS, Priscila Camargo. **O onorismo ativo da libertação animal: contribuições para olhares não-especistas na Educação Ambiental,** 2013. 137 f. Dissertação (Programa de Pós-Graduação em Educação Ambiental) - Instituto de Educação, Universidade Federal do Rio Grande, Rio Grande, 2013.

SOCIEDADE VEGETARIANA BRASILEIRA. **Pesquisa do IBOPE aponta crescimento no número de vegetarianos no Brasil,** s.d. Disponível em: <https://www.svb.org.br/2469-146-pesquisa-do-ibope-aponta-crescimento-historico-no-numero-de-vegetarianos-no-brasil>. Acesso em: 17 ago. 2021

THE VEGAN SOCIETY. **Definition of veganism.** Disponível em: <https://www.vegansociety.com/go-vegan/definition-veganism> Acesso em: 02 fev. 2021.

TRINDADE, G. G. da. **Animais como pessoas: A abordagem abolicionista de Gary L. Francione.** Paco Editorial, 2014

VIZACHRI, Tânia Regina. **Animais humanos ou humanos animais?: um estudo sobre a representação dos animais antropomorfizados nos filmes de animação.** 2014. Dissertação de Mestrado. Universidade de São Paulo.

ZUANON, Átina Clemente Alves, D.Sc., Universidade Federal de Viçosa, Maio 2014. **A bioética e as atividades didático-científicas com animais. Doutorado em Biotecnologia, diagnóstico e controle de doenças; Epidemiologia e controle de qualidade de prod. de.** Orientador: Cláudio César Fonseca.